

Hermenêutica Filosófica na Pesquisa em Educação Ambiental

Philosophical Hermeneutics in Environmental Education Research

Hermenéutica Filosófica en la investigación en Educación Ambiental

Marlene Cesari Cachoeira¹
Robson Simplicio de Sousa²

Resumo

No campo da Educação ambiental (EA), ainda predomina um paradigma de racionalidade em que o sujeito vive numa postura de superioridade e dominação em relação ao ambiente. Neste artigo³, buscamos conhecer como se mostra a Hermenêutica Filosófica, uma experiência ontológica que busca a compreensão, nas produções de Educação Ambiental. O estudo buscou artigos para compreender como se mostra a Hermenêutica Filosófica em produções de Educação Ambiental. A análise foi através da metodologia Análise Textual discursiva (ATD), em que emergiram duas categorias: i. A Hermenêutica Filosófica se opõe à cisão sujeito-objeto: possibilidades de questionamento da cisão humano-ambiente numa herança de Educação Ambiental antropocêntrica; ii. A linguagem e o diálogo hermenêutico no processo da interpretação e compreensão à Educação Ambiental. O *corpus* analisado mostrou elementos importantes da Hermenêutica Filosófica para a compreensão da relação sujeito e ambiente, contribuições significativas à EA.

Palavras-chave: Educação ambiental. Hermenêutica Filosófica. Gadamer.

Abstract

In the field of Environmental Education (EE) predominates a paradigm of rationality in which the subject lives in a posture of superiority and domination in relation to the environment. In this article, we seek to know how Philosophical Hermeneutics is shown, an ontological experience that seeks understanding, in the productions of Environmental Education. The study sought articles to understand how hermeneutics is shown in environmental education productions. The analysis was through the methodology Discursive Textual Analysis (DTA), and two categories emerged: i. Philosophical Hermeneutics opposes the subject-object split: possibilities of questioning the human-environment split in a heritage of anthropocentric environmental education; ii. The language and hermeneutic dialogue in the process of interpretation and understanding of Environmental Education. The corpus analyzed showed important elements of Philosophical Hermeneutics for the understanding of the relationship between subject and environment, significant contributions to EE.

Keywords: Environmental education. Philosophical Hermeneutics. Gadamer.

Resumen

En el campo de la Educación Ambiental (EA) predomina un paradigma de racionalidad, en el que el sujeto vive en una postura de superioridad y dominación en relación con el medio ambiente. En este artículo, buscamos conocer cómo se muestra la Hermenéutica Filosófica, una experiencia ontológica que busca la comprensión, en las producciones de Educación Ambiental. El estudio buscó artículos para comprender cómo se muestra la hermenéutica en las producciones de educación ambiental. El estudio buscó artículos para comprender cómo se

¹ Mestra em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas (PPGECMTE) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional e graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Paranaense. É professora na rede municipal de Palotina (PR) e de Francisco Alves (PR). E-mail: marlene.cachoeira@ufpr.br

² Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor Adjunto do Departamento de Educação, Ensino e Ciências da Universidade Federal do Paraná (UFPR), docente no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas (PPGECMTE). Coordena o Grupo de Pesquisa Jano: Filosofia e História na Educação em Ciências. E-mail: robson.simplicio@ufpr.br

³ Este texto é parte de uma pesquisa de Mestrado Acadêmico.

muestra la hermenéutica en las producciones de educación ambiental. El análisis fue a través de la metodología Análisis Textual Discursivo (DTA), y surgieron dos categorías: i. Hermenéutica filosófica se opone a la división sujeto-objeto: posibilidades de cuestionamiento de la división humano-entorno en un patrimonio de educación ambiental antropocéntrica; ii. El lenguaje y el diálogo hermenéutico en el proceso de interpretación y comprensión de la Educación Ambiental. El *corpus* analizado mostró elementos importantes de la Hermenéutica Filosófica para la comprensión de la relación entre sujeto y entorno, contribuciones significativas a la EA.

Palabras clave: Educación ambiental. Hermenéutica filosófica. Gadamer.

1 Introdução

Nos estudos referentes ao campo da Educação Ambiental (EA), percebe-se uma preocupação comum na busca de como a educação poderá contribuir para amenizar os problemas ambientais da atualidade. As visões de cada indivíduo, relativas à EA, são influenciadas pelas correntes a ela associadas, acarretando diferentes compreensões de mundo, bem como as atitudes frente às questões ambientais emergentes.

Conforme Sauv  (2005), a EA apresenta diferentes correntes te ricas, como: a naturalista, a conservacionista/recursista, a hol stica e etnogr fica, al m de outras, com uma pluralidade e uma diversidade de proposi es. Segundo Sauv  (2005, p. 17), “embora cada uma das correntes apresente um conjunto de caracter sticas espec ficas que a distingue das outras, as correntes n o s o, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham caracter sticas comuns”. Cada uma dessas correntes apresenta um conjunto de caracter sticas espec ficas que as distinguem; algumas compartilham princ pios, possibilitando associa es entre elas e, com isso, h  a gera o de uma ampla gama de proposi es pedag gicas. Assim, reflete diretamente em como a EA   colocada em pr tica (Sauv , 2005). A EA   compreendida e as a es educativas s o colocadas em pr tica por meio dos diferentes entendimentos provenientes dessas correntes.

O presente estudo busca apresentar uma articula o da EA   Hermen tica Filos fica (HF). H  diferentes autores que fazem esse movimento de aproxima o entre EA e a HF (Gr n, 1996; Flickinger, 2010; Derby, 2015; Iared *et al.*, 2021). H , portanto, um fen meno de aproxima o da Hermen tica Filos fica  s reflex es e compreens es da EA.

Assim, buscamos compreender como se mostra a Hermen tica Filos fica nas produ es em Educa o Ambiental; para isso, apresentamos a seguinte pergunta de pesquisa: *como se mostra a Hermen tica Filos fica no contexto de produ es da Educa o Ambiental?*

2 Uma incurs o pela Hermen tica em Dire o   Educa o Ambiental

A etimologia e tematiza o da Hermen tica indicam que sua origem seja desde a Antiguidade. Segundo Silva (2009, p. 137):

Hermeios refere-se ao sacerdote do or culo de Delfos e deriva o verbo *hermeneuein* (interpretar) e o substantivo *hermeneia* (interpreta o). O verbo *hermeneuein* significa explicar, dizer e traduzir, todas formas de interpreta o, com as quais se lan a m o de meios para tornar compreens vel um texto ou uma mensagem de dif cil compreens o.

A Hermen tica surge, inicialmente, para interpretar os textos de dif cil entendimento. Segundo Schmidt (2014), a Hermen tica surge, inicialmente, na incumb ncia de interpretar os textos corretamente. A hermen tica, no sentido de interpreta o, possivelmente, existe desde que os seres humanos come aram a falar. Quando a linguagem se desenvolveu, as interpreta es tornaram-se necess rias e, na escrita, revelaram os erros, assim, a hermen tica

surge com a preocupação de uma interpretação correta. Segundo Grondin (2012), entre os anos 396-426, há um marco da história da Hermenêutica, quando Santo Agostinho agregou a regra para a interpretação dos textos em seu tratado sobre *a doutrina cristã*. Contudo, o termo *hermenêutica* apresentou-se apenas no século XVII, por meio do teólogo Johann Conrad Dannhauer (Gadamer, 2002). O autor foi o primeiro a utilizar o termo no título de sua obra, “*Hermeneutica sacra sive methodus exponendarum sacrarum litterarum*”, de 1654, que resume a hermenêutica sagrada, ou seja, o método para interpretar os textos sacros. Esse entendimento busca alcançar a compreensão *real* dos textos (Grondin, 2012).

Conforme Schmidt (2014), a hermenêutica foi entendida como disciplina auxiliar e normativa nas ciências humanas, que praticam a interpretação, ideia que persiste até Friedrich Schleiermacher (1768-1834), o qual foi considerado o primeiro a unificar as várias teorias hermenêuticas de disciplinas específicas em uma Hermenêutica Universal. Para Schleiermacher, a Hermenêutica é a arte de compreender a linguagem falada escrita, ou seja, em todos os casos de compreensão. Seu projeto de uma hermenêutica mais universal anuncia uma segunda concepção da hermenêutica, que será inaugurada sobretudo por Wilhelm Dilthey (1768-1834). Dilthey é o responsável pelo caráter metodológico da Hermenêutica, a qual poderia servir de fundamento metodológico a todas as ciências humanas. A compreensão de Dilthey incorpora vários elementos da hermenêutica de Schleiermacher e a teoria da compreensão do primeiro influencia o desenvolvimento posterior da hermenêutica em Heidegger. Martin Heidegger (1889-1976) concilia o método de pesquisa fenomenológica de Husserl com aspectos da teoria da compreensão da vida de Dilthey e outras influências de importantes pensadores.

Segundo Schmidt (2014), Heidegger baseou-se na Fenomenologia e estendeu seu uso à interpretação da experiência de vida, sobretudo do ser individual, *Dasein*, ente inacabado, cuja essência confunde-se com o seu existir. Com Heidegger, a Hermenêutica muda de objeto de vocação e de estatuto, ou seja, deixa de incidir sobre os textos ou sobre as ciências interpretativas para incidir sobre a própria existência. Heidegger propôs uma concepção filosófica da Hermenêutica, mas a perspectiva continuava com novas compreensões, pois é apenas em Gadamer que o termo hermenêutica começou a realmente se impor à consciência geral.

Conforme Grondin (2012), Hans-Georg Gadamer (1900-2002) foi um dos filósofos mais importantes do século XX, aluno de Heidegger; foi o responsável pelo pensamento hermenêutico na filosofia contemporânea. O autor publicou, pela primeira vez, em 1960, sua principal obra “Verdade e Método”, com objetivo de oferecer uma justificativa filosófica para a experiência da verdade que transcende o domínio do método científico. O autor apresenta que o processo da compreensão e seu objeto são essencialmente linguísticos, pois é na linguagem que nos é permitido conhecer o ser das coisas. Segundo Grondin (2012, p. 79), “a hermenêutica ultrapassa o horizonte de uma reflexão filosófica universal sobre o caráter linguístico de nossa experiência do mundo e do próprio mundo.”

Onde se trata de compreender e interpretar texto de linguagem, a própria interpretação, no *medium* da própria linguagem, mostra com clareza o que é compreensão: uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em propriedade de alguém. A interpretação que se dá na linguagem é a forma da interpretação como tal. Por isso, ela também ocorre onde a interpretação não é de natureza da linguagem, e não é portanto um texto, mas, por exemplo, num quadro ou numa obra musical (Gadamer, 2015, p. 515).

No contexto da Modernidade, a hermenêutica ressurgiu para mostrar que há outras formas de conhecer a realidade. A Hermenêutica Filosófica diverge da ideia de que há um

único caminho de acesso à verdade, visto que não há mais condições de manter o monismo metodológico, admitindo múltiplas formas de conhecer a realidade, além do método científico (Hermann, 2002). A Hermenêutica Filosófica surge “como concorrente metodológica ante o pós-cartesianismo, tem como motivo principal a demanda por uma identidade metodológica própria das Ciências Humanas e Sociais” (Flickinger, 2010, p. 34).

Gadamer (2015) preconizou a ideia de que o ser humano vive na linguagem e nela realiza a própria experiência, assim, investiga a estrutura que inscreve o ser humano nesse processo. Conforme Grün (2005), Gadamer desempenhou um papel central na mudança de uma filosofia da consciência para uma dimensão histórico-linguística da compreensão.

Diante disso, entendemos ser uma abertura às discussões e reflexões na busca de uma compreensão em torno dos problemas ambientais atuais. Segundo Carvalho, Grün e Avanzi (2009), podemos encontrar, no pensamento hermenêutico de Gadamer, um caminho que permite distanciar-se de uma visão objetificadora, que tende a atribuir um sentido de externalidade ao sujeito humano em relação ao mundo. Nessa acepção, recusa a ideia cartesiana de um sujeito observador, situado em algum lugar fora do mundo.

Precisamos de uma perspectiva que contraponha esse modelo epistemológico que distancia os seres humanos do ambiente para conhecê-lo, pois, conforme Grün (2005), a crise ambiental que enfrentamos, advinda da autonomia do sujeito, é uma característica fundamental do pensamento cartesiano. O sujeito autônomo é visto como alguém fora da natureza e livre de valores culturais. Nessa epistemologia, o observador vê a natureza como se olhasse para uma fotografia, em que há um *eu* que pensa e a coisa pensada; essa coisa é o mundo que virou objeto de separação, que resulta na objetificação da natureza. O sujeito, por meio de sua independência do meio, constitui-se como a própria base da educação, ao invés de ser vista como uma possível deficiência. Segundo Grün (2005, p. 102), “a Hermenêutica Filosófica situa sempre o ser humano no mundo, na história e na linguagem e não como um sujeito senhor de si, separado dos objetos”.

Sobre esse entendimento, Flickinger (2010, p. 172) cita que:

Em contrapartida ao método causal-explicativo, baseado na separação primordial entre o sujeito conhecedor e seu objeto de investigação, a hermenêutica, como doutrina de compreensão, pressupõe a inserção do homem na sua história e linguagem, horizontes estes perante os quais ele deveria buscar o sentido, tanto dos fatos quanto de seu próprio agir e a inter-relação entre ambos.

A compreensão Hermenêutica busca uma disposição de conhecer, sem destituir-se desse lugar, uma relação de pertencimento com o que se dá a conhecer (Carvalho; Grün; Avanzi, 2009). Pensar em uma Educação Ambiental que se pauta por uma postura compreensiva, conforme Carvalho, Grün e Avanzi (2009, p. 112), é pensar:

Sem qualquer pretensão de defini-la, talvez pudéssemos sugeri-la como uma postura educativa que se desapega das certezas e abre mão do que a psicanálise lacaniana descreveu como “a posição do mestre”. Ou seja, aquela posição em que alguém (o analista ou, no nosso caso, o educador) assume o suposto saber que lhe é atribuído sem destituir-se deste lugar, obturando a emergência do sujeito no outro.

Ao tratarmos do sujeito, referimo-nos ao *sujeito ecológico*, ou seja, a um indivíduo ou um grupo inquieto com suas formas de ver, agir, ser ou compreender o mundo e a experiência humana (Carvalho, 2012). Esse sujeito,

Sintetiza assim as virtudes de uma existência ecologicamente orientada, que busca responder aos dilemas sociais, éticos e estéticos configurados pela crise socioambiental, apontando para a possibilidade de um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável (Carvalho, 2012, p. 26).

Para desenvolver o sujeito ecológico, é necessário repensar os conceitos e olhares sobre as relações entre a sociedade e a natureza. Para isso, é preciso compreender que os nossos conceitos não mostram uma tradução real do mundo, pois apenas vemos um ângulo, de maneira que esse recorte é visto e influenciado pela nossa vivência, cultura, história e outros (Carvalho, 2012).

Parece existir, portanto, uma impossibilidade radical de compreender as questões ambientais em educação com base na perspectiva metodológica objetificante, instaurada pela epistemologia cartesiana (Grün, 1996). Enquanto, no cartesianismo, a palavra de ordem era dominação, a hermenêutica busca superar a predominância sujeito/objeto. A Hermenêutica Filosófica opõe-se às raízes cartesianas, como cita Derby (2015), pois busca superar a relação reducionista humano-mundo aos projetos iluministas de objetividade. Na postura compreensiva da Hermenêutica Filosófica, segundo Grün (1996, p. 102), "não há dominação, nem de objetos, nem da natureza". A postura hermenêutica é uma postura de entrega do sujeito aos horizontes do problema". Essa divisão entre sujeito e objeto cognoscente precisa ser reconsiderada, pois a crise ambiental exige isso.

A EA vai além de preservar o meio no qual o sujeito está inserido, pois busca mostrar que a ele é pertencente. Por intermédio da Hermenêutica Filosófica, como cita Grün (1996, p. 102), "esse modelo epistemológico que separa os seres humanos do ambiente em que eles vivem e dá sentidos às suas vidas, é posto em xeque pela Hermenêutica Filosófica". A Hermenêutica Filosófica busca uma compreensão não fragmentada desse modo de estarmos com o/no mundo, portanto, destacamos, neste artigo, como ela vem sendo apresentada no campo da EA.

3 Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada para a análise do *corpus* foi de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa é uma pesquisa descritiva, na qual os dados são analisados em toda sua riqueza e respeitando os registros ou transcritos, e interessa para o estudo mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Nessa metodologia, os dados são analisados de forma indutiva, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos vão se agrupando (Bogdan; Biklen, 1994).

Buscamos compreender como se mostra a Hermenêutica Filosófica nas produções em Educação Ambiental; para isso, retomamos a pergunta de pesquisa: *como se mostra a Hermenêutica Filosófica no contexto de produções da Educação Ambiental?* Como produções, restringimos os artigos que tratassem do assunto da pesquisa em revistas nacionais com foco na Educação Ambiental com Qualis A1; A2; B1; B2. Utilizamos a classificação de periódicos correspondente ao quadriênio 2013-2016 da área de avaliação *Ensino* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). A busca foi realizada utilizando a palavra-chave *Hermenêutica* presente no título, nas palavras-chave ou no resumo. Foram selecionados aqueles artigos que tratavam especificamente da Hermenêutica Filosófica atribuída ao filósofo Hans-Georg Gadamer. Após a busca, foram encontrados os artigos, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos de Educação Ambiental identificados com Abordagem na Hermenêutica Filosófica e seus respectivos Qualis

Qualis	Artigos
A1	T1. CARVALHO, I. C. M., FARIAS, C. R., PEREIRA, M. V. A missão "ecocivilizatória" e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade. <i>Ambiente & Sociedade</i> , Campinas, v. XIV, n. 2, p. 35-49 jul. dez. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-753X2011000200004 . Acesso em: 07 dez. 2021.
	T2. ZAMBAM, R. E.; CALLONI, H. Hermenêutica Filosófica: o conceito de experiência como contribuição para o fortalecimento da educação ambiental. <i>Ambiente & Educação, [S. l.]</i> , v. 23, n. 2, p. 45–61, 2018. DOI: 10.14295/ambeduc.v23i2.8423. Disponível em: https://www.furg.br/ambeduc/article/view/8423 . Acesso em: 9 dez. 2021.
	T3. BARROS, L. S. C. A apreensão de veículos utilizados em infrações ambientais no bioma amazônico: uma interpretação das normas à luz da teoria de Friedrich Müller. <i>Educação Ambiental em Ação</i> , v. 20, n. 52, 2018. Disponível em: http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2068 Acesso em: 09 dez. 2021.
	T4. CÓRDULA, E. B. L., NASCIMENTO, G. C. C. A hermenêutica do meio ambiente: concepções, percepções e problemas. <i>Educação Ambiental em Ação</i> , v. 20, n. 49, 2014. Disponível em: http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1848 . Acesso em: 08 dez. 2021.
	T5. THIEMANN, F. T., OLIVEIRA, H. T. Biodiversidade: sentidos atribuídos e as contribuições do tema para uma educação ambiental crítica. <i>Pesquisa em Educação Ambiental</i> , v. 8, n. 1, p. 114-12, 2013. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X . Acesso em: 08 dez. 2021.
	T6. DI TULLIO, A.; OLIVEIRA, H. T. de. Sentidos atribuídos por professoras do ensino básico a sua formação no processo de atuação como educadoras ambientais. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , v. 31, n. 1, p. 271–291, 2014. DOI: 10.14295/remela.v31i1.4354. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4354 . Acesso em: 11 dez. 2021
	T7. GUIMARÃES, J. M. M., ALVES, J. M. Formação de professores na área de Educação Ambiental: uma análise dos anais da ANPED (2009-2011). <i>Pesquisa em Educação Ambiental</i> , v. 7, n. 1, p. 49-67, 2012. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6786 . Acesso em: 09 dez. 2021.
B1	T8. MALTA, M. M.; PEREIRA, V. A. Racionalidade Ambiental: possibilidades para a Educação Profissional, <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , Edição Especial, n. 1, p. 75–87, 2018. DOI: 10.14295/remela.v0i1.8564. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8564 . Acesso em: 22 jun. 2023.
	T9. PEREIRA, V. A ecologia Cosmocena: uma perspectiva ontológica para Educação Ambiental. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , Edição Especial, p. 138–162, 2016. DOI: 10.14295/remela.v00i0.5965. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5965 . Acesso em: 16 dez. 2021.
	T10. ZAMBAM, R. E.; CALLONI, H. H.; CALLONI, H. H. Hermenêutica Filosófica: a linguagem como fundamentação da ontologia ambiental. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , v. 36, n. 2, p. 359–375, 2019. DOI: 10.14295/remela.v36i2.9186. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/9186 . Acesso em: 10 dez. 2021
	T11. CAMPOS, D. B.; CAVALARI, R. M. F. Fenomenologia e Hermenêutica: possibilidades e limites para a educação ambiental. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , v. 22, 2009. DOI: 10.14295/remela.2020.2838. Disponível em: https://www.furg.br/remea/article/view/2838 . Acesso em: 11 dez. 2021.
	T12. LEMKE CARLETTO, D.; NOCCHI ROCKETT, A.; SILVEIRA GUERRA, A. F. A hermenêutica na educação ambiental: a compreensão como pesquisador e a interpretação para a pesquisa. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , v. 34, n. 3, p. 93–111, 2017. DOI: 10.14295/remela.v34i3.7522. Disponível em: https://www.furg.br/remea/article/view/7522 . Acesso em: 11 dez. 2021.
	T13. DI TULLIO, A.; OLIVEIRA, H. T. de. Sentidos atribuídos por professoras do ensino básico a sua formação no processo de atuação como educadoras ambientais. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.]</i> , v. 31, n. 1, p. 271–291, 2014. DOI: 10.14295/remela.v31i1.4354. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4354 .

	Acesso em: 11 dez. 2021
	T14. LAGO, C.; AMARAL, F. B.; MÜHL, C. Reflexões acerca da crise ambiental e a condição humana. <i>REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental</i> , [S. l.], v. 30, n. 1, p. 159–178, 2013. DOI: 10.14295/remela.30i1.3458. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3458 . Acesso em: 11 dez. 2021.
B2	T15. SCHMITT, L. A. A Hermenêutica de Gadamer e a prática de Educação Ambiental. <i>Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental</i> , Santa Maria, v. 19, n. 2, mai/ago 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reget/article/download/16372/pdf/0 Acesso em: 13 dez. 2021.
	T16. CÓRDULA, E. B. de L. A hermenêutica da educação ambiental e o paradoxo da sustentabilidade. <i>Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental</i> , v. 8, n. 8, p. 1573–1580, 2013. DOI: 10.5902/223611706670. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/6670 . Acesso em: 28. nov. 2021.
	T17. SILVA, K. S. O papel da hermenêutica na garantia da efetividade dos direitos fundamentais sociais por intermédio da jurisdição constitucional, <i>Saberes da Amazônia</i> , v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: https://www.fcr.edu.br/ojs/index.php/saberesamazonia/article/view/32 . Acesso em: 29 nov. 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023

Para a análise, escolhemos a Análise Textual Discursiva (ATD), que se concretiza a partir de um *corpus*, neste caso, os artigos identificados. Segundo Sousa e Galiuzzi (2018, p. 812-813), o uso da ATD, “consiste no encontro com o fenômeno a ser investigado, que não se mostra de imediato, mas que se elucida com o movimento da análise”.

A ATD, conforme Moraes e Galiuzzi (2016), inicia com a unitarização (primeira etapa ATD), ou seja, a desconstrução e desmontagem dos textos. Segundo Moraes e Galiuzzi (2016, p. 70), “a unitarização constitui um movimento de análise de dados e informações capaz de propiciar as condições para uma reconstrução criativa da compreensão dos fenômenos focalizados”. Assim, iniciamos com a leitura do *corpus* na íntegra, fragmentamos o texto de acordo com as ideias contidas em cada unidade e identificamos a palavra *hermenêutica*; em seguida, a leitura foi mais aprofundada nas informações, em um movimento de separação por unidades significados (US). As US foram codificadas com a letra *T*, que corresponde aos artigos de origem, seguida da correspondente numeração: exemplo T1.1, T1.2, T1.3, que são as ordens de ocorrências das unidades; Após, relacionamos as unidades com significados semelhantes, emergindo, assim, onze categorias iniciais (fase de categorização), ou seja, a segunda fase da ATD, como mostra a seguir:

A categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Conjunto de elementos de significação próximos constituem as categorias (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 44).

Após um exercício de elaboração das categorias, reagrupamos em categorias iniciais e, posteriormente, com novos agrupamentos; assim, chegamos a duas categorias finais. A categorização proposta pela ATD, a partir da análise das categorias finais, permite a construção dos metatextos (a terceira e última fase da ATD), ou seja, quando o fenômeno se mostra. Segundo Moraes e Galiuzzi (2016, p. 114), “é o modo de aprender sobre os fenômenos investigados e a expressão e comunicação das novas compreensões e necessitam ser produzidas ao mesmo tempo em que as aprendizagens se concretizam”.

Na fase de construção do metatexto, descrevemos as categorias e alcançamos, a partir do fenômeno, novas compreensões no diálogo com as referências teóricas. Na próxima seção, apresentamos o metatexto das seguintes categorias emergentes: *i. A Hermenêutica Filosófica se opõe à cisão sujeito-objeto: possibilidades de questionamento da cisão humano-ambiente*

numa herança de educação ambiental antropocêntrica e ii. A linguagem e o diálogo hermenêutico no processo da interpretação e compreensão à Educação Ambiental.

4 A Hermenêutica Filosófica se opõe à cisão sujeito-objeto: possibilidades de questionamento da cisão humano-ambiente numa herança de educação ambiental antropocêntrica

Para essa categoria, elaboramos a seguinte síntese descritiva: *a Hermenêutica Filosófica é um contraponto epistemológico ao reducionismo cartesiano e à dicotomização entre sujeito e objeto, de forma que estabeleça um novo sentido para a relação entre o sujeito e o mundo, entre subjetividade e objetividade. Trata-se de uma posição que ajuda a refutar as concepções de EA advindas da ética antropocêntrica, que separa o ser humano e o ambiente, e que constitui o cerne dos problemas relacionados à EA na modernidade. Assim, aproximar ser humano-natureza e corpo-consciência exige a posição de responsabilidade consigo, com o outro, com o ambiente e com o mundo.* Isso pode ser visto nas unidades de significado do Quadro 2.

Quadro 2 - Unidades de Significados da Categoria *A Hermenêutica Filosófica se opõe à cisão sujeito-objeto, o que possibilita questionar a cisão humano-ambiente situada numa herança de Educação Ambiental da ética antropocêntrica*

O referencial teórico hermenêutico filosófico se opõe a herança da ética antropocêntrica instaurada com a modernidade que estabelece a cisão sujeito-ambiente (T4.1). A hermenêutica filosófica rompe com as concepções educativas orientadas pelo paradigma de cisão sujeito-ambiente (T4.2). [...] a hermenêutica rompe com a herança da ética antropocêntrica instaurada com a modernidade (T6.1). A hermenêutica contribui para a fundamentação da EA, pois aproxima sujeito-objeto, corpo-consciência, tão necessárias quando pensamos em resgatar o relacionamento homem x natureza (T8.1). Por meio da hermenêutica compreende que as questões ambientais não são fragmentadas como no sentido do dualismo cartesiano (T9.1). A hermenêutica se opõe à exaustiva epistemologia que fragmenta a estrutura do corpo social e considera o humano como modo de ser em formação (T11.1).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023

A primeira ideia que emergiu foi que a Hermenêutica Filosófica busca mostrar que o conceito da racionalidade, que orienta a ciência moderna na dicotomia sujeito/objeto, vem ocasionando fragilidades no comportamento sujeito e ambiente. Com isso, podem ser vistos muitos prejuízos, como superioridade e distanciamento em seu relacionamento. Para melhor compreensão, podemos conferir, na íntegra, algumas unidades de significado a partir do *corpus*. Em T11.1, temos que: “A ação do homem na natureza tem sido exaustiva e epistemologicamente debatida, e o fragmento dessa estrutura no corpo social apresenta-se em forma de crise” (Lago; Amaral; Mühl, 2013, p. 175). Podemos ver essa ideia também em T9.1:

Compreende-se que as questões humanas e ambientais não são fragmentadas no sentido do dualismo cartesiano, mas sim, que estão emaranhadas na razão e na emoção que se articulam, dialeticamente, e assim constituem a significação do mundo à nossa volta (Carletto; Rockett; Guerra, 2017, p. 107).

Na busca de entendermos a crise ambiental atual, podemos conferir, nas produções acima, que o paradigma científico moderno construiu um modelo de racionalidade, representando uma ruptura sujeito/objeto, na qual se afirmou uma visão dualista e mecânica do mundo e natureza. Nesse modelo, levaram-nos a pensar em um mundo distinto:

natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção, gerando, conseqüentemente, graves problemas à modernidade.

No paradigma dualista, a natureza foi instituída como um objeto passivo de conhecimento por um sujeito soberano e condutor desse processo cognitivo. Segundo Carvalho (2012, p. 117), “ao separar radicalmente a natureza da cultura, a ciência sacrificou a diversidade em nome da universalidade do conhecimento, reduzindo os fenômenos culturais e as determinações das leis naturais gerais”.

Esse paradigma que estabelece a cisão sujeito-objeto pressupõe que, para o ser humano conhecer uma determinada realidade, é necessário distanciar-se do objeto e do outro. Assim, o ser humano passa a se enxergar como indivíduo independente ao ambiente, modo de ser que se sustenta em atitudes de dominação pela ética antropocêntrica. Conforme Grün (2005, p. 45),

A filosofia de René Descartes (1596-1650) é importante para compreender como o antropocentrismo se firmou no mundo moderno. A separação entre sujeito e objeto e Natureza e Cultura é apontada como um dos principais motivos da devastação ambiental.

Nessa perspectiva, o objeto é distanciado do sujeito, possibilitando questionarmos o relacionamento sujeito e ambiente. Segundo Zambam e Calloni (2020), o paradigma epistemológico, que surgiu com o advento da ciência moderna, ocasionou grandes contribuições, porém, incentivou a gerar uma crise humanitária, como a desregrada relação do ser humano com os demais seres. Com a desenfreada exploração do planeta, que, durante milhares de anos, vem trazendo conseqüências devastadoras para a vida na Terra, aconteceu a distinção entre sujeito e objeto que legitimou todo o procedimento metodológico das ciências naturais, justificando os problemas ambientais.

Conforme Carvalho (2012), o paradigma científico moderno construiu um modelo de racionalidade, representando uma ruptura sujeito/objeto, na qual afirmou-se uma visão dualista e mecânica do mundo e natureza. No método científico aprendemos a pensar em um mundo distinto: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção.

O racionalismo cartesiano é um paradigma falido, incapaz de tematizar as atuais questões ambientais que tanto nos afligem. Todas essas críticas, embora com diferentes matizes, têm contribuído para formar um consenso de que precisamos abandonar o cartesianismo. [...] O modelo cartesianismo é reducionista, fragmentário, sem vida e mecânico. Em várias partes do mundo exige-se que educadores ambientais abandonem esse modelo (Grün, 1996, p. 61; 63).

Precisamos compreender a insuficiência dos saberes disciplinares, despedaçados, compartimentalizados, fragmentados e especializados. Nesse pensamento para obter um conhecimento, é necessário estabelecer poder e domínio sobre o objeto. É preciso promover o relacionamento sujeito/ambiente, especificamente com a natureza e superar a perspectiva utilitarista que foi instaurada na modernidade. Entendemos que a Hermenêutica Filosófica poderá contribuir para esse campo na fundamentação da EA. Logo, ao se opor à cisão sujeito-objeto, permite questionarmos o relacionamento ser humano/ambiente.

A Hermenêutica contrapõe a postura cartesiana, pois abre as possibilidades de compreensão do objeto estudado, superando a dicotomia sujeito x objeto, assim, situa o ser humano no mundo, na história e na linguagem e não como um sujeito senhor de si, separado dos objetos (Grün, 1996).

Segundo Flickinger (2010, p. 172):

[...] chegamos a propor a abordagem hermenêutica como possível saída do impasse, dicotomia sujeito e ambiente. Em contrapartida ao método causal-explicativo, baseado na separação primordial entre o sujeito conhecedor e seu objeto de investigação, a hermenêutica, como doutrina de compreensão, pressupõe a inserção do homem na sua história, linguagem, horizontes estes perante os quais ele deveria buscar o sentido, tanto dos fatos, quanto de seu próprio agir e inter-relação entre ambos.

Essa ideia citada pode ser vista no seguinte trecho do *corpus*. Na qual deu origem às seguintes unidades de significado: “A hermenêutica filosófica trata-se de um referencial teórico de posicionamento crítico visualizado na oposição que estabelece a cisão humano-ambiente, herança da ética antropocêntrica instaurada com a modernidade (T4.1) (Guimarães; Alves, 2012, p. 52).

Na ética antropocêntrica, o ser humano mostra-se como dominador do objeto. Diante dos problemas atuais, decorrentes da superioridade e distanciamento do sujeito ao ambiente, a Hermenêutica Filosófica apresenta-se, nesse contexto, como uma alternativa, pois fica oposta, a esse dualismo, a separação entre sujeito e objeto. Precisamos compreender os problemas e conflitos que permeiam as relações entre humanos e sua interação com os elementos físico-naturais.

A hermenêutica contribui para a fundamentação da EA, pois resgata o relacionamento sujeito/objeto, para o processo de autoconhecimento e identificação dos horizontes de sentido dentro dos quais estamos. Esse entendimento sobre uma perspectiva, que supere o paradigma que distancia o sujeito-objeto, é evidenciado também na seguinte US: “e vislumbra-se uma Educação Ambiental capaz de romper com concepções educativas orientadas pelo paradigma de cisão humano/natureza, obstáculo epistemológico que se situa no cerne da crise ambiental da contemporaneidade (T4.2) (Guimarães; Alves, 2012, p. 64).

Como podemos ver nas unidades de significados, os autores apresentam que a Hermenêutica Filosófica rompe com a herança alusiva à ética antropocêntrica, que distancia o sujeito-objeto. Segundo Flickinger (2010, p. XI), “a razão sem ética, enredada nas teias do Iluminismo ato suficiente e arrogante, conduziu o homem ao limite extremo de sua autodestruição”. Assim, surgem as consequências desastrosas a partir do sujeito dominador. Na US seguinte, os autores evidenciam que:

[...] precisamos resgatar a dignidade das coisas sobretudo no relacionamento homem x natureza, e acredito que estas linhas de pensamento filosófico podem ajudar-nos no processo de autoconhecimento e identificação dos horizontes de sentido dentro dos quais estamos, pelos quais existimos e somos o que somos (T8.1) (Campos; Cavalari, 2009, p. 451).

Foram instauradas desarmonias, pelo domínio de uma racionalidade instrumental e utilitária. É preciso promover o relacionamento sujeito/ambiente, especificamente com a natureza, e superar a perspectiva utilitarista que foi instaurada na modernidade.

Ao entender que a natureza é um lugar de interações entre a base física e cultural do planeta, ampliamos a compreensão da problemática ambiental, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas sociais e culturais (Carvalho, 2012). Nesse ponto de vista, Carvalho (2012, p. 36-37) cita que:

A natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação entre a natureza e ação das espécies que vão surgindo, particularmente a humana. [...] A EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista. Superar essa marca mediante a

afirmação de uma cisão socioambiental exige um esforço de superação da dicotomia entre natureza e sociedade, para poder ver as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza.

Nessa perspectiva, Hermenêutica Filosófica, não existe o humano dominador frente aos objetos ou à natureza. Nesse viés, o sujeito entrega-se às possibilidades compreensivas reveladas pelo objeto, resgatando a postura ética frente ao ambiente.

Trata-se aqui de construir uma cultura ecológica que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas, seja nas decisões governamentais, seja ações da sociedade civil, de forma separada, independente ou autônoma (Carvalho, 2012, p. 143).

É preciso pensar numa perspectiva que propague a sensibilidade, o acolhimento, a alteridade no relacionamento sujeito/ambiente. Isso é citado também na unidade de significado a seguir:

[...] sugerimos que os homens e mulheres possam reconhecer que existem saberes que desde sempre estão aí e que são oriundos do cosmos para os humanos e não ao contrário. Nessa perspectiva ecológica, a natureza é vista como uma outridade-sujeito: natureza rica, plural, diversa, colorida, fértil, bela, poética, estética, com suas magias e divindades imensuráveis; cabe à humanidade reconhecer-se apenas como mais uma parte integrante dela e não a sua dona. A reivindicação principal aqui consiste num reposicionamento humano: mais humilde, sintonizado, aberto a tudo que a realidade nos apresenta cotidianamente (T6.1) (Pereira, 2016, p. 143).

A Educação Ambiental apresenta como objetivo central a busca da formação de uma atitude ecológica, humilde, ou seja, a adoção de um sistema de crenças, valores e sensibilidades éticas, estéticas sobre os ideais de vida de um sujeito ecológico (Carvalho, 2012). Sobre o sujeito ecológico, Carvalho (2012, p. 187) evidencia que:

Estamos falando de um sujeito imerso em uma trama de significados socioculturais historicamente constituídos, com seus modos de produção de conhecimento e de vida, e que é ao mesmo tempo leitor do mundo e produtor de novos sentidos, nesse movimento permanente e dinâmico da cultura.

Reafirma-se um sujeito aberto à sensibilidade, ao respeito e à alteridade em relação ao ambiente. Precisamos resgatar os valores e crenças que definem as relações recíprocas com o ambiente e compreender os conflitos que atravessam as múltiplas compreensões e práticas ambientais para sustentar uma ética ambiental. Conforme Figueiredo (2008), na *Ética*, de origem grega, o termo *ethos* tem duas grafias; *ethos*, com a letra épsilon, significa costumes e hábitos; *ethos*, com a letra eta, no início, significa permanência habitual, lugar familiar, morada dos animais, maneira de ser ou hábito de uma pessoa.

A ética tem, como pretensão, compreender os princípios que norteiam o agir moral; interpreta e problematiza valores morais e a fundamentação do agir humano, do ponto de vista filosófico (Hermann, 2001). Conforme Flickinger (2010), o impulso ético que legitima o desejo de compreender o outro e a si mesmo foi sofrido e abandonado pela racionalidade iluminista e, conseqüentemente, o debate epistemológico deixou a ética cair no esquecimento. A hermenêutica reconduz à pergunta pela legitimação ética, intrínseca ao saber humano. Uma das questões relevantes para a ética contemporânea seria, então, a ampliação da consideração

ao outro, de forma a não percebê-lo só como objeto de dever, mas abrimo-nos às diferenciações e peculiaridades da pessoa.

Ao falar sobre a EA, na atualidade, há uma necessidade de aproximação conceitual entre ética e estética de modo a explicitar os problemas relacionados à ética na educação. Sobre as tarefas da Educação Ambiental, Iared, Tullio e Oliveira (2012, p. 9) citam que:

Seria pensar um novo modo de ser, um novo modo de nos relacionarmos com o ambiente. Para tanto, acreditamos que é fundamental nos situarmos como seres históricos, dentro de uma tradição para compreendermos o passado, o presente e fundarmos uma nova perspectiva de futuro. O conceito de fusão de horizontes, proposto por Gadamer, é uma contribuição para esse processo.

O modernismo formou um ser humano autônomo e soberano; a estética luta contra as diferenças e busca a homogeneidade, traz o estranho à inovação, de forma que são necessários no plano da interpretação e problematização do agir moral (Hermann, 2005). Para elucidar um pouco mais sobre a transição de ética para estética, apresentamos que: “Esta definição aparece em 1750, na obra *Aesthetica*, e marca seu surgimento como uma disciplina filosófica, ao lado da lógica, da metafísica e da ética, preocupada inicialmente com a definição de beleza, de caráter intelectualista (Hermann, 2005, p. 38).

A estética valoriza a totalidade da vida sensível, a beleza da vida natural e de como o mundo atinge as sensações e influencia a ter uma postura ética de modo decisivo. Segundo Hermann (2005, p. 43), “a estética instaura a força persuasiva do projeto educativo, contra uma normatividade ética abstrata, desligada dos conteúdos concretos da vida e dos impulsos”.

Nessa categoria, a estetização ética hermenêutica aparece como propulsora no processo da Educação Ambiental, pois é compreendida como uma experiência sensorial e afetiva, que é a base para a interpretação das percepções entre os seres e o mundo. Diante disso, “há uma integração entre corpo, mente e cultura, na qual o corpo é concebido como um lugar sensorial de apreciação estética em um processo de conjunção e transição com a apreensão de sentidos” (Iared *et al.*, 2021, p. 6). Nesse sentido, não há indissociação entre estética e ética em uma postura não antropocêntrica, contribuindo com um aspecto sensível para as práticas em Educação Ambiental.

5 A linguagem e o diálogo hermenêutico no processo da interpretação e compreensão possível à Educação Ambiental

A Hermenêutica Filosófica traz a linguagem como um dos elementos que permite experienciar novos horizontes de interpretação e levam à compreensão, o que pode ser melhor compreendido a partir da síntese descritiva a seguir. *A linguagem possibilita que a Educação Ambiental consiga partir do diálogo hermenêutico, um movimento que permite ouvir os que se envolvem com a EA. Nessa perspectiva, o sujeito não é apenas um ouvinte, mas cada um apresentador do seu saber e, por meio da linguagem, são compartilhadas e experienciadas novas reflexões, ampliando horizontes de ambos e novos significados que vão surgindo.*

Quadro 3 - Unidades de Significados da Categoria A Linguagem e o Diálogo Hermenêutico no Processo da Interpretação da Compreensão da Educação Ambiental

Através do diálogo hermenêutico é possível gerar um movimento que ouça os que se envolvem com a EA, assim se opõe à mera transmissão de conhecimento (T2.1); A compreensão hermenêutica traz a relevância do diálogo, pois permite o compartilhar das reflexões, ações, novas concepções e planejamento futuro (T5.1); Com a experiência hermenêutica de diálogo com a natureza é possível reconhecer que o conhecimento é sempre incompleto e que deve abandonar a atitude prepotente do “sujeito moderno” (T8.1).

Fonte: elaborado pelos autores, 2023

A primeira ideia que se mostrou nas unidades de significados foi que o ser humano se relaciona pela linguagem, com a qual permite dialogar sobre as epistemologias que orientam os fundamentos da EA. A linguagem, lugar do diálogo que não se esgota na relação sujeito-objeto, abre-se ao horizonte de sentidos de inserção e de conquista do mundo livre, do poder de maneja da razão autônoma e instrumental (Flickinger, 2010).

Ao pensar em um sujeito a partir da hermenêutica filosófica, apresenta-se a linguagem como conceito central. Dessa forma, permite pensar o sujeito além da teoria moderna, que explora e reduz o outro a um simples objeto, mas que compreende e interpreta a partir de sua condição de existência. Conforme Zambam e Calloni (2020 p. 15):

Os limites epistemológicos para uma Educação Ambiental, apresentados pelo paradigma moderno de ciência, devem ser revistos se quisermos estudar os conhecimentos tidos como improdutivos, inúteis, não aplicáveis pelos currículos positivistas de nossa educação. Tal projeto é possível se pensarmos a educação com as bases teóricas e conceituais da hermenêutica filosófica, a linguagem fundamentada nas trilhas da hermenêutica filosófica.

A linguagem possibilita que a Educação Ambiental consiga partir do diálogo fundamentado nas trilhas da Hermenêutica Filosófica, por meio de uma troca de saberes. Assim, abre-se para a interpretação e compreensão dos problemas ambientais. Podemos conferir esse entendimento na US (T2.1): por meio do diálogo hermenêutico, é possível gerar um movimento que ouça os que se envolvem com a EA, assim, opõe-se à mera transmissão de conhecimento.

O diálogo hermenêutico busca o resgate do diálogo no sentido de as pessoas se encontrarem, sem julgamentos e críticas, mas que se permitem para novos horizontes de compreensão. Conforme Zambam e Calloni (2018, p. 60): “Acreditamos ser o diálogo hermenêutico um movimento possível para ouvirmos as múltiplas vozes que se ocupam/preocupam com a Educação Ambiental e, assim, não esgotamos a Educação em uma mera “transmissão” de conhecimento”.

É preciso superar o esquecimento das discussões sobre o Ser como base de nossa condição de finitude, consequência do sujeito moderno. O diálogo é um dos fundamentos para o entendimento da crise ambiental atual.

A hermenêutica filosófica como fundamento para Educação Ambiental quer questionar as teorias que buscam a congenialidade dos fatos, a objetividade científica do conhecimento, a exclusão da possibilidade de problematização e diálogo (Zambam; Calloni, 2018, p. 56).

Nesse processo, do diálogo hermenêutico para a EA, o ouvinte posiciona-se sem princípios, julgamentos e opiniões. Nesse viés, busca ouvir para interpretar o embasamento dos conflitos. Conforme Flickinger (2010), o diálogo abriga os seres humanos, mesmo que limitados e diferentes, e pode aproximar-se pela experiência dialógica, na qual se manifestam as precariedades e as possibilidades de cada um. É no diálogo que se permitem ver as supostas certezas postas em xeque em relação à compreensão do outro; para isso, é necessário ouvir sem os critérios de verdades do ouvinte.

Para Gadamer, o diálogo permite uma compreensão mútua, pois possibilita experienciar a singularidade e a experiência do outro. O diálogo possui uma força transformadora de deixar algo do outro ao encontro.

Como podemos ver na seguinte US (T5.1): a compreensão hermenêutica possibilita a relevância do diálogo, pois permite o compartilhar das reflexões, ações, novas concepções e planejamento futuro. O diálogo possibilita reflexões e novas compreensões, apresentando um novo direcionamento. Segundo Alves (2011, p. 25):

A experiência do conhecer acontece no diálogo, o que implica o deslocamento da possibilidade de chegar ao conhecimento por uma ação da consciência do sujeito para dar relevância à conversação. Assim, o aprender se realiza por meio do diálogo, de modo a tornar nítido o vínculo entre aprender, compreender e dialogar. Ou seja, o diálogo, que busca a espontaneidade viva do perguntar e do responder, do dizer e deixar-se dizer, é o modo próprio de a Hermenêutica Filosófica se estruturar.

A experiência hermenêutica, a partir do diálogo, permite que os sujeitos interlocutores interpretem sentidos e significados e não mera transferência de saber. Para Hermann (2002, p. 58), “o diálogo possibilita condições de reflexões sobre um entendimento ainda não disponível; ou seja, concede aos participantes a oportunidade de fazer uma autorreflexão sobre seus pontos de vista”.

Segundo Silva (2009), a experiência hermenêutica é um tipo de diálogo que acontece entre a tradição e o intérprete. O diálogo é uma conversação que se desenvolve no interior da consciência. A experiência hermenêutica tem a estrutura do diálogo, cujo *medium* é a linguagem e vislumbra-se a possibilidade de um âmbito mais de acordo com a atividade humana, consolidada na finitude, nas experiências histórico-individuais.

Ter contato com o outro fazendo o movimento dialógico proporciona um saber amplo; nossos preconceitos são questionados a partir da nova experiência e assim propicia novos conhecimentos que até então eram desconhecidos ou que tiveram que ser revistos por falhas na interpretação (Zambam; Calloni, 2018, p. 55).

A partir da hermenêutica, o sujeito olha e interpreta, por meio das experiências, o que permite o reconhecimento do estar no mundo. A experiência, nesse pensamento, é sempre um movimento único e não reproduzido. Conforme Zambam e Calloni (2018, p. 58):

O encontro com o outro é que enobrece o movimento dialógico. Essa experiência dialética que nos marca, nos transforma, nos atinge ao ouvirmos, ao sermos questionados e termos que rever nossos argumentos e refazermos a forma de pensar. O fato de ouvirmos o outro e deixarmos essa experiência nos marcar é que faz a educação ser transformadora. Devemos ter uma relação de outriedade vendo no outro a possibilidade de fazer a experiência hermenêutica.

No diálogo hermenêutico, todos participam, de forma que não há disputa ou superioridade, mas uma ampliação de horizontes. A EA, sob a ótica da experiência hermenêutica, abre-se às possibilidades de criar-se e recriar-se os movimentos de compreensões.

Campos e Cavalari (2009, p. 448) citam que “a experiência hermenêutica de diálogo com a natureza é possível reconhecer que o conhecimento é sempre incompleto, e que deve abandonar a atitude prepotente do ‘sujeito moderno’” (T8.1).

A hermenêutica contribui para a fundamentação da EA, pois, a partir da experiência hermenêutica do diálogo, resgata o relacionamento ser humano x natureza. Nesse movimento, permite reconhecer que o conhecimento é sempre incompleto, visto que intenciona a

despotencialização do sujeito dominador. Segundo Iared, Tullio e Oliveira (2012, p. 14): “em se tratando da EA em uma abordagem hermenêutica é importante que o pesquisador privilegie o uso de técnicas que permitam a interpretação da linguagem dos sujeitos para a compreensão da experiência”.

A hermenêutica filosófica, comprometida com a linguagem, pode favorecer a construção de uma EA que busca o diálogo, pois o diálogo hermenêutico, a partir das experiências, pode promover o movimento de questionamento e de reflexões acerca das epistemologias que fundamentam a EA atual.

6 Considerações finais

A Hermenêutica Filosófica possibilita pensarmos sobre as epistemologias que orientam os fundamentos da EA. Os parâmetros culturais cartesianos colocados nos levam a buscar modos de enfrentarmos a crise ecológica atual, pois apresentam um conjunto de abordagens que levam o distanciamento sujeito/objeto. Nessa epistemologia, o modelo cartesiano confere ao ser humano o *status* de independência e distanciamento em relação a outras formas de vida. Diante disso, a Hermenêutica Filosófica nos mobiliza a perceber, a apresentar à Educação Ambiental uma perspectiva interpretativa ao relacionamento sujeito/ambiente. Por isso, a partir da análise do *corpus*, foi possível compreender que produções acadêmicas vêm se pautando na HF como uma alternativa de orientação para o campo da EA.

A Hermenêutica Filosófica, ao propor uma superação do dualismo sujeito/objeto, oportuniza questionarmos as concepções educativas advindas da ética antropocêntrica, que separam o humano e o ambiente. Nesse viés, sem fragmentar o sujeito e o ambiente, visa-se proporcionar um sujeito que se sinta pertencente e não dominador em relação ao outro. Nesse movimento, a linguagem, fundamento da Hermenêutica Filosófica, é um elemento que possibilita o permanente exercício de alteridade para lidar com o mundo, por meio de diálogos autênticos. A experiência hermenêutica do diálogo, como fundamento da EA, oportuniza uma ampliação dos horizontes de questionamentos, reflexões, compreensões e ações para esse campo.

Referências

ALVES, M. A. O modelo estrutural do jogo hermenêutico como fundamento filosófico da educação. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 17, n. 1, p. 235-248, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/jXybh3pqmMQT9kwXkh4b4SC/?format=pdf>. Acesso em: 04 mai. 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Editora Porto, 1994.

CAMPOS, D. B.; CAVALARI, R. M. F. Fenomenologia e hermenêutica: possibilidades e limites para a educação ambiental. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 22, p. 439-453, 2009. DOI: 10.14295/remela.2020.2838. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2838>. Acesso em: 28 fev. 2022.

CARLETTO, D. L.; ROCKETT, A.; GUERRA, A. F. S. A hermenêutica na educação ambiental: a compreensão como pesquisador e a interpretação para a pesquisa. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 93-111, 2017. DOI: 10.14295/remela.v34i3.7522. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7522>. Acesso em: 21 fev. 2022.

CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; AVANZI, M. R. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 29, n. 77, p. 99-115, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tWNk3DSBV38p8FswcKt7MtJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2012.

DERBY, M. W. *Place, being, resonance: A critical ecohermeneutic approach to education*. Nova York: Peter Lang Incorporated; International Academic Publishers, 2015.

FIGUEIREDO, A. M. Ética: origens e distinção da moral. *Saúde Ética & Justiça*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2008. DOI: 10.11606/issn.2317-2770.v13i1p1-9. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/44359>. Acesso em: 22 maio. 2023.

FLICKINGER, H. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas: Autores Associados, 2010.

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2015.

GUIMARÃES, J. M. M.; ALVES, J. M. Formação de professores na área de Educação Ambiental: uma análise dos anais da ANPED (2009 -2011). *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 49-67, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6786/4953>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GRONDIN, J. *Hermenêutica*. São Paulo: Vozes, 2012.

GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

GRÜN, M. Gadamer and the Otherness of Nature: Elements for an Environmental Education. *Human Studies*, London, v. 28, n. 2, p. 157-171, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20010408>. Acesso em: 01 mai 2023.

HERMANN, N. *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HERMANN, N. Estetização do mundo da vida e sensibilização moral. *Educação & Realidade*, v. 30, n. 2, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12414>. Acesso em: 05 dez. 2022.

IARED, V. G.; HOFSTATTER, L. J. V.; TULLIO, A.; OLIVEIRA, H. T. Educação Ambiental Pós-Crítica como Possibilidade para Práticas Educativas Mais Sensíveis, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, e104609, p. 1-23, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236104609>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/9D6qd7BTPfKvwxT5Z74sBZg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2023.

IARED, V. G.; TULLIO, A.; OLIVEIRA, H. T. Uma aproximação entre Gadamer e Paulo Freire como contribuição para refletir sobre a pesquisa em educação ambiental, *In: REUNIÃO ANUAL DA*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 35, 2012, Porto de Galinhas. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPED, 2012. p. 1-19. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1395_int.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

LAGO, C.; AMARAL, F. B.; MÜHL, C. Reflexões acerca da crise ambiental e a condição humana. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 30, n. 1, p. 159-178, 2013. DOI: 10.14295/remela.30i1.3458. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3458>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MORAES, R. GALIAZZI, M.C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2016.

PEREIRA, V. A. ECOLOGIA COSMOCENA: uma perspectiva ontológica para Educação Ambiental. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, Edição Especial, p. 138-162, 2016. DOI: 10.14295/remea.v0i0.5965. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5965>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SAUVÉ, L. Uma Cartografia das Correntes em Educação Ambiental. In: MICHÈLE, S.; CARVALHO, I. (org.) *Educação Ambiental: Pesquisas e Desafios*. Porto Alegre: Grupo A, 2005. p. 17- 44.

SCHMIDT, L. *Hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, R. O. Experiência hermenêutica e racionalidade alternativa, em Hans-Georg Gadamer. *Kalagatos*, Fortaleza, v. 6, n. 12, p. 135-164, 2009. DOI: 10.23845/kalagatos.v6i12.5955. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5955>. Acesso em: 26 maio. 2023.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. O jogo da compreensão na análise textual discursiva em pesquisas na educação em ciências: revisitando quebra-cabeças e mosaicos. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 24, n. 3, p. 799-814, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320180030016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/DDKFPVyHQbyhQk6kxCnGKrs/?lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ZAMBAM, R. E.; CALLONI, H. Hermenêutica filosófica: O conceito de experiência como contribuição para o fortalecimento da educação ambiental. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 45-61, 2018. DOI: 10.14295/ambeduc.v23i2.8423. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/8423>. Acesso em: 1 mar. 2022.

ZAMBAM, R. E.; CALLONI, H. A educação nas trilhas da hermenêutica filosófica. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 22, [s.n.], p. 1-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.4748>. Disponível em: <http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/Vol.%2022%2C%202020>. Acesso em: 04 dez. 2023.